

# Projeto Cetáceos do Maranhão pesquisará boto cinza

Por: Paulo Melo Sousa



**Uma equipe do PROCEMA** – Projeto Cetáceos do Maranhão, iniciativa pioneira, no Estado, abordando tal segmento da biologia marinha, esteve nos últimos dias 27 e 28 de janeiro em Alcântara, realizando um trabalho de avistamento de botos (especificamente o boto cinza, que atende pelo nome científico de *Sotalia guianensis*), visando a efetivação de futura pesquisa naquele município. Em agosto do ano passado, alguns biólogos fizeram uma primeira abordagem na área costeira, realizando observações e entrevistando pescadores, o que os convenceu da necessidade de organizar um grupo local para trabalhar com os cetáceos, diante da situação alarmante em que se encontram os mesmos na costa maranhense, sob o aspecto da preservação. Verificou-se que a ocorrência de efeitos antrópicos (causados pela ação do homem, tais como pesca, ruídos de embarcações ou incremento do turismo em pontos de ocorrência dos botos) que no momento acometem os cetáceos é muito grande. Os biólogos constataram, principalmente na região das reentrâncias maranhenses (litoral norte), uma grande ocorrência de consumo da carne do boto, usada como isca para captura de tubarão, retirada dos olhos e das gônadas do animal para utilização como amuleto ou em trabalhos de umbanda. Em decorrência dessas ações predatórias, hoje o boto cinza integra a macabra lista dos animais ameaçados de extinção.



Para complicar ainda mais a situação, existe captura acidental e incidental indiscriminada, tanto no Maranhão quanto no Pará. Diante de tal quadro, os biólogos entenderam que é preciso realizar um amplo trabalho de conscientização ambiental junto à população para evitar a destruição desses animais. Conforme informações prestadas pela bióloga marinha Carolina Tosi, carioca formada pela Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, e mestranda em Psicobiologia pela UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, integrante do Instituto Ilha do Caju e uma dos 3 coordenadores do PROCEMA, “os pescadores reconhecem que antes havia uma quantidade muito maior de botos; embora tenhamos, até agora, verificado que aqui em Alcântara existe uma consciência maior das pessoas, em muitos lugares a comunidade não sabe que a caça do boto é proibida por lei,

e que esses animais estão diminuindo em número; dessa forma, fazemos um trabalho de conscientização ambiental realizando palestras com a comunidade ou nas escolas, pois cada animal possui a sua importância na natureza e o boto, por ser considerado topo de cadeia (ver Box), com certeza é muito importante, indicador do grau de poluição de determinado ambiente, pois já que ele se localiza no topo, consome todos os outros peixes de tamanho inferior ao dele e a sua presença mostra que o local está preservado; a partir do estudo desse animal poderemos entender uma série de outros fatores relacionados ao ecossistema”.

### Para saber mais



Boto cinza ou *Sotalia guianensis* (Gervais, 1853) – Encontrado em águas costeiras e estuarinas da América Central e do Sul. Possui ventre branco (adultos), com dorso e parte lateral cinzas, chegando na maturidade a 2 metros de comprimento. São polígamos e podem formar grupos com até 90 indivíduos.

**Topo de Cadeia** – O boto é um mamífero que come peixes e lulas; estas, por sua vez, alimentam-se dos zooplânctons e estes, dos fitoplânctons. O processo ocorre em cadeia, por meio dos chamados níveis tróficos, ou seja, os animais primários são o alimento dos secundários e estes, comida dos terciários e assim por diante até chegar ao topo da cadeia. O predador do boto é o próprio homem e, eventualmente, quando ele está machucado, um tubarão. Enfim, o boto não possui predador natural.

**Cetáceos** – Mamíferos totalmente adaptados à água, com altíssimo grau de encefalização, o que o aproxima do homem. Não dormem, “descansam” reduzindo o metabolismo corporal, quando ficam próximos à superfície em processo de flutuação.

Lei Federal 7.643, de 18/12 de 1987 – “Fica proibida a pesca ou qualquer forma de molestamento intencional de toda espécie de cetáceo nas águas jurisdicionais brasileiras”.

### Parceria nativa

O PROCEMA fechou parcerias com várias universidades, tais como a U.F.MA – Universidade Federal do Maranhão, U.E.MA. – Universidade Estadual do Maranhão, UNICEUMA, e está costurando outros apoios, principalmente com prefeituras. O grupo ainda não possui logística, daí a necessidade das parcerias. Nesse processo, alguns estudantes foram incorporados ao projeto. No momento, existem 6 (seis) estagiários em ação, cada um deles desenvolvendo uma linha de pesquisa voltada para estudar uma atividade específica, principalmente relacionada ao boto cinza, que é o animal que ocorre com maior frequência, no âmbito dos cetáceos, em todo o litoral do Maranhão, segundo os pesquisadores. No entanto, devido à ausência anterior de estudos, em tal segmento, é provável que se encontre a ocorrência de espécies ainda desconhecidas. O PROCEMA possui uma base científica na Ilha do Caju, localizada no Delta do rio Parnaíba e os biólogos, realizando há pouco tempo trabalho de monitoramento de praias, descobriram a

presença de um cetáceo até então somente descrito anteriormente no sul do país, a Orca Pigmeia. “Publicaremos em breve um estudo abordando a Orca Pigmeia, informando que a distribuição desse cetáceo não se restringe apenas ao sul do Brasil; acreditamos que nossa pesquisa é de grande valia, pois a partir de agora poderemos realizar várias descobertas científicas significativas aqui no Maranhão. Nos outros Estados do Brasil já existem trabalhos nessa área”, informa Carolina Tosi.

Por meio das parcerias, alunas do UNICEUMA estão engajadas no projeto. Mariana Serra, graduanda em Ciências Biológicas por essa instituição, está orientando seu trabalho em direção aos cetáceos, especificamente o boto. “Estamos realizando uma identificação mais precisa dos grupos que habitam a costa maranhense, tentando descobrir se os botos que aparecem em Alcântara são os mesmos que aparecem em Macacueira, ilha próxima a Humberto de Campos e Primeira Cruz. Por enquanto, nosso grupo não possui instrumentos suficientes, tais como uma máquina de qualidade visando foto-identificação (procedimento feito para localizar o formato de uma nadadeira ou qualquer outra marca natural de cada indivíduo, espécie de impressão digital do boto); então, iremos estudar primeiramente o comportamento desses animais”, declara a estudante.

A definição do comportamento dos cetáceos significa a interação entre o gen do animal e o ambiente no qual ele se encontra. Assim, na maioria das vezes animais da mesma espécie habitando espaços distintos apresentarão comportamentos diferentes. Mariana ficará responsável pelo estudo dos botos em Alcântara, pois além dos diversos relatos de pessoas dando conta da presença desses animais, ali, existem pontos fixos fáceis, nesse local, para a realização da avistagem desses cetáceos. Na ocasião da visita, foi firmada uma parceria logística com o Sítio Ecológico da Praia do Barco, localizado naquele município.

Por sua vez, Nathalí Ristau, também graduanda em Ciências Biológicas pelo UNICEUMA, além de estudar o comportamento dos botos, destaca que o grupo do PROCEMA, que percorre todo o litoral do Estado realizando essa pesquisa, também trabalha com educação ambiental junto às comunidades visitadas, levando informações à população acerca da importância da preservação desses cetáceos, visando promover uma conscientização em torno do assunto. Especificamente sobre o seu trabalho, destacou o seguinte: “meu trabalho está direcionado para a ilha de Macacueira, área que possui uma grande população de botos, com uma incidência quase que diária, de tal forma que acreditamos até que exista uma população desses animais residente no local; infelizmente, existe ali a pesca direcionada para a captura do boto, com a carne sendo usada para isca”.

### **Ameaça ambiental**

Uma das ramificações do projeto de ampliação da Base Espacial de Alcântara contempla a criação de um porto para atracamento de um Ferry-Boat. A escolha do local sugerido, porém, não poderia ser mais infeliz, e seria justamente num trecho conhecido como Ponta das Pedras, bem próximo ao Porto do Jacaré, local de chegada à cidade histórica. O trecho é protegido pelo IBAMA – Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, sendo considerado ponto de pouso de aves migratórias. Segundo a bióloga Carolina Tosi, “a instalação de um porto, nesse local, seria totalmente inviável, pois além do prejuízo às aves, avistamos no final da tarde de sexta-feira, 27, um grupo de botos no qual se destacava um filhote, o que indica que a área é utilizada para reprodução, além de ponto permanente de alimentação. O tráfego freqüente de embarcações viria provocar a morte ou a mutilação desses animais; essas espécies que ocorrem aqui no Maranhão são classificadas pelo Plano de Ação do IBAMA, de 2001, como insuficientemente conhecidas, e tal projeto viria prejudicar consideravelmente o equilíbrio desse importantíssimo

ecossistema". No momento, o local ainda se encontra bastante preservado, contando ainda com a presença de mangues intactos.